

DECLARAÇÃO POLÍTICA

22 de outubro de 2022

1. “Estou muito satisfeito” foram as únicas palavras do Primeiro-Ministro António Costa, na quinta-feira, dia 20, à saída do encontro com o Presidente Macron e o Primeiro-Ministro Sanchez.

2. Todos julgávamos que, ao fim de 7 anos, em que fez muito pouco e nada conseguiu em sede de interligações, o Primeiro-Ministro teria finalmente posto em marcha os acordos de 2014 e a Declaração da Cimeira de Madrid de 2015, entre os 3 países, a Comissão Europeia e o Banco Europeu de Investimentos.

3. À tarde e à noite, quando o Primeiro-Ministro tentou explicar o novo acordo, percebemos que o Acordo anunciado entre o Presidente francês e os Primeiros-Ministros Espanhol e Português prejudica o interesse nacional, é um mau acordo, e António Costa nunca o deveria ter aceitado.

4. Num filme parecido ao que vimos recentemente com o corte de 1000 milhões de euros nas pensões, o Primeiro-Ministro António Costa voltou a aparecer a fazer anúncios triunfais de supostos benefícios, enquanto escondia e omitia as perdas graves que este acordo tem para Portugal.

É inaceitável que, diante de um insucesso agora tão evidente, o Primeiro-Ministro tenha exibido tal triunfalismo. Uma encenação desta natureza, tal como a do corte de pensões, desqualifica a democracia.

5. A gravidade deste Acordo, cujo texto autêntico ninguém conhece, ultrapassa em muito e está muito para lá da falta de verdade política.

O Acordo em si mesmo é mau para Portugal por duas razões:

6. Primeira razão, Portugal ficou pior porque caíram os compromissos internacionais, que existiam firmes e calendarizados desde 2014, para a construção de duas interligações elétricas nos Pirenéus.

Só se manteve o Golfo da Biscaia, Mas para Portugal aquelas 2 interligações elétricas eram muito mais importantes que qualquer ligação de gás, e mais ainda que uma troca de gasodutos que secundariza o terminal de Sines. O transporte de gás importado,

podendo ser útil, mas é muito menos interessante para Portugal do que para Espanha.

Durante 7 anos, o Governo socialista de António Costa fez muito pouco e nada conseguiu quanto às interligações elétricas.

E agora o que tinha sido conseguido numa negociação difícil em 2014, foi deitado fora, contentando-se António Costa com inscrever no Acordo uma vaga e remota intenção de um dia mais tarde, sem prazo, virem a “identificar, avaliar e implementar novos projetos de interligação de eletricidade”.

A poderosa indústria nuclear francesa ganhou; as energias renováveis portuguesas perderam.

7. Segunda razão, o Acordo também é mau para Portugal na dimensão das interligações de gás porque faz uma troca de gasodutos que secundariza e minoriza o terminal de Sines. O abandono da interligação dos Pirenéus, o Midcat, pela nova interligação entre Barcelona e Marselha, o BarMar valoriza os terminais de gás espanhóis de Barcelona e Valência, e faz com que o porto de Sines perca importância estratégica.

Fica assim em causa o objetivo nacional, tantas vezes repetido pelo governo de António Costa, de fazer do Porto de Sines a “porta de entrada” do GNL na Europa.

Mesmo a questão do hidrogénio verde suscita as maiores dúvidas: para lá questão das condições de produção, para integrar Portugal no “Corredor de Energia Verde” não basta a ligação Celorico da Beira-Zamora, aliás reprovada no teste ambiental; é preciso adaptar toda a rede. Nada se sabe sobre isto.

Sines estará ligado a Barcelona, através do gasoduto entre Celorico da Beira e Zamora, mas irá competir com outros 7 terminais existentes em território espanhol, incluindo os que se encontram localizado mesmo em Barcelona e na vizinha Valência.

Numa palavra, no gás, Barcelona e a Espanha ganharam; Sines e Portugal perderam.

7. Temos mesmo de conhecer o Acordo, que ninguém sabe onde feito, por quem e sequer se está assinado. Senhor Primeiro-Ministro, mostre-nos o acordo!

Temos de começar do zero: é um desperdício de dinheiro, de tempo, de trabalho.

Há perguntas essenciais por responder.

Quanto vai custar este projeto a Portugal – quando anterior tinha todo o financiamento previsto e garantido? Quanto vai custar? Quem vai pagar? Não vai ele aumentar a fatura da energia dos portugueses?

Quanto tempo vai demorar? A imprensa espanhola fala em 5-7 anos? A imprensa francesa já só fala em 2030? Afinal, não será isto apenas areia para os olhos dos portugueses? Se Costa não foi capaz de levar Macron a cumprir o acordo anterior, que garantias nos dá de que este vá para a frente?

8. Este acordo, sem prazo e sem preço, não serve o interesse europeu e não serve o interesse nacional. Em matéria de interconexões, na quinta-feira e pela mão de António Costa.

Enfim, trocamos o valor das nossas renováveis e o potencial do porto de Sines por um prato de lentilhas. Dito de modo popular, passamos de cavalo para burro.

Trata-se apenas de um número – e ainda para mais, sem números concretos e reais – para fazer propaganda.

Assim, o PSD exige uma divulgação detalhada dos termos do acordo e uma avaliação técnica e independente das suas consequências.

Para tanto, promoverá todas as diligências ao seu alcance na Assembleia da República e junto das instituições europeias.

Com esta acordo do Governo Costa, que nada conseguiu em 7 anos; na eletricidade, ganhou a França e o nuclear; perdeu Portugal e as renováveis; no gás, ganhou a Espanha e o porto de Barcelona; perdeu Portugal e o porto de Sines. A fim, perdemos nós e perdeu a Europa. O governo português e o senhor Primeiro-Ministro não souberam defender o interesse nacional.